
O TUMBEIRO
Arthur Souto

UBUNTU — *"Eu sou porque nós somos".* — **PROVÉRBIO AFRICANO**

Copyright©2024 by Márcio José Zacarias (Arthur Souto)

Capas & Diagramação:
Enoque F. Cardozo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souto, Arthur.
O tumbeiro / Arthur Souto – 1ª ed. – São João ,
PE : Editorial Casa de Bonecas (ECB), 2024.
298 p.: il.

ISBN: 978-65-5480-266-6

1. Romance brasileiro I. Título.

FORMATO: A5 14,8x21 CDU-82-3
24-241611 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright "©" 2024. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

28 de Novembro de 2024. Escrito e produzido no Brasil.

A Deus, que me sustentou nos dias difíceis,
que acendeu luz quando tudo parecia escuro,
dedico estas páginas como um ato de fé.

À minha mãe, Ionete,
cujas mãos moldaram meu caminho,
e cujo amor ecoa em cada escolha que faço.

À Sheila, minha esposa,
companheira de vida e de sonhos,
cujo olhar me lembra que nunca estou sozinho.

Ao meu filho Arthur,
que carrega em si a força de gerações,
e que inspira em mim a vontade de seguir.

Ao Juninho,
cuja presença é uma lembrança viva
de que o amor se renova a cada dia.

E à Maria, minha neta,
pequena chama de esperança,
herança do que somos e do que seremos.

A vocês, que são o cerne de tudo,
deixo este livro como um tributo,
uma oferenda à vida que compartilhamos.

SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR **09**
PREFÁCIO **11**

I. É O FIM?! 13
II. ESPERANÇAR 17
III. UBUNTU 28
IV. O LEÃO DA NOITE 32
V. O CESTO DE UBUNTU 37
VI. A CAÇADA SOLITÁRIA 41
VII. O CONSELHO DE ANCIÃOS 45
VIII. O ATAQUE 54
IX. COSTA DOS ESCRAVOS 62
X. TUMBEIRO 71
XI. A CHEGADA AO BRASIL: O ENGENHO 82
XII. NOMES PERDIDOS 92
XIII. LAÇOS INVISÍVEIS 102

XIV. FEIJOADA 107
XV. UM ALIADO 110
XVI. O GOSTO AMARGO DA FELICIDADE 115
XVII. A CASA GRANDE 119
XVIII. O DOCE AMARGO 129
XIX. A PARTIDA DE DONA FRANCISCA 133
XX. O SACRIFÍCIO DE JOAQUIM 137
XXI. RUMORES DE LIBERDADE 143
XXII. UMA FUGA 147
XXIII. DOCE MANUELA 152
XXIV. JOÃO PEQUENO, O GRANDE 157
XXV. O DESPERTAR DE MANUELA 161
XXVI. UHURU 168
XXVII. A IRA DE DOM RODRIGO 178
XXVIII. O SACRIFÍCIO DE MÃE CELINA 186
XXIX. MAWASHA 193
XXX. O SUSSURRO NA MATA 198
XXXI. GRITO DE LIBERDADE 207
XXXII. MOCAMBO REAL DO MACACO 214
XXXIII. AMOR E DOR 223
XXXIV. DANDARA DOS PALMARES 229
XXXV. O RETORNO DOS NOMES 237
XXXVI. O CASAMENTO 242
XXXVII. DOIS ANOS DE PAZ 248
XXXVIII. NZINGA 256
XXXIX. O ATAQUE 260
XL. É O FIM?! 268

NOTA DO AUTOR

Escrever **O TUMBEIRO** foi uma experiência transformadora, pois a história de Zuri é um reflexo de tantas vidas que foram apagadas ou silenciadas pela escravidão, todavia que, na resistência, deixaram marcas indeléveis no mundo. Este livro busca dar voz a essas histórias, mesmo que através da ficção, e honrar a memória de cada pessoa que lutou por liberdade e dignidade.

O conceito de Ubuntu, que permeia toda a narrativa, é um lembrete de que ninguém é uma ilha, e que nossa existência ganha significado na relação com os outros. Enquanto acompanhamos Zuri em sua jornada de dor, amor e resiliência, somos convidados a refletir sobre a força da coletividade e a importância de reconhecer a humanidade em todos.

Agradeço a todos que me inspiraram a escrever esta obra: minha família, que é meu maior sustento, e cada pessoa que compartilhou histórias e reflexões que enriqueceram esta narrativa. Que este livro possa trazer não apenas reflexão, mas também esperança.

Boa leitura,
Arthur Souto

PREFÁCIO

Este livro nasceu do desejo de contar uma história que transcende o tempo e os lugares, mas que carrega as marcas profundas de uma humanidade ferida e resiliente. O Tumbeiro não é apenas sobre Zuri, uma menina arrancada de suas raízes e lançada ao desconhecido. É sobre cada vida que foi atravessada pela brutalidade da escravidão, cada coração que carregou o peso das correntes, e cada espírito que resistiu, mesmo quando tudo parecia perdido.

Escrever esta obra foi um processo de aprendizado, dor e reconexão. Ao mergulhar na história de Zuri, aprendi o significado de Ubuntu: *"eu sou porque nós somos."* Este princípio africano, que exalta a interconexão de todos os seres, guia a jornada da protagonista e, espero, tocará cada leitor.

Mais do que um registro de sofrimento, este livro é uma celebração da força, da coragem e do amor que florescem mesmo em solos áridos. Deveras é um convite à reflexão sobre nossa história coletiva e sobre o quanto ainda temos a aprender com o passado para construir um futuro mais justo.

Agradeço a Deus por me conceder a inspiração, à minha família por ser meu alicerce, e a você, leitor, por embarcar nesta jornada. Que cada página desperte em você o espírito de Ubuntu.

Com gratidão,
Márcio José Zacarias

c a p í t u l o I

É O FIM?!

Zuri estava voltando de uma caçada bem-sucedida, carregando consigo os frutos de seu esforço, algumas mangas e uma jaca, porém o grande trunfo foi o abate de um porco, provavelmente havia escapado de algum mocambo, o corte no antebraço esquerdo ardia um pouco, porém todo esforço valera a pena.

O sol estava a pino, o céu praticamente sem nuvens, a sensação era de paz e satisfação, contudo o vermelho do céu não era um bom presságio, a moça estava ansiosa para compartilhar suas conquistas com Nzinga, seu amado, que a esperava no mocambo.

— O dia foi cansativo, mas recompensador! — disse Zuri para o companheiro de caça Kaynin, que trazia o porco nas costas.

— Sim, mas amanhã poderemos descansar e aproveitar o dia para ir trocar alguns produtos no centro do mocambo — comentou Jamila, enquanto saboreava uma manga bem madura.

— Minha esposa queria a muito comer uma jaca, ela vai ficar muito feliz — falou Kaynin, enquanto colocava a caça sobre um tronco de uma árvore caída, e assim descansar um pouco e solver um gole de água.

De repente, um som ensurdecedor cortou o silêncio, ecoando pelas planícies... o estrondo de um canhão. Zuri parou, o coração acelerado no peito, virou-se rapidamente em direção ao assentamento.

— O que é isso?! — questionou Zuri fechando um pouco os olhos para conseguir enxergar o que estava acontecendo.

Ao longe, avistou a muralha de madeira que circundava o reduto, ela que se erguia imponente, porém naquele instante, parecia vulnerável, frágil... Outro estrondo, e em poucos segundos o som do impacto de madeira estalando e voando em lascas, a muralha cedendo sob a força brutal do tiro de canhão.

Uma nuvem de poeira e fragmentos de madeira subiu ao céu como um lamento do Mocambo Real do Macaco.

— É um ataque dos portugueses, a muralha está sendo destruída! — gritou Kaynin abandonando a caça e correndo em direção ao mocambo.

Zuri prendeu a respiração por um momento, precisava acalmar seu coração, respirou fundo... e antes que pudesse reagir, veio um outro estrondo, desta vez, o canhão parecia mais próximo, mais devastador e muito mais assustador.

O chão vibrou debaixo de seus pés. O impacto reverberou pelo ar, e as amigas viram outra seção da muralha ser obliterada, já não enxergavam mais a figura do companheiro de caça, ele desaparecera entre a vegetação.

Kaynin era um jovem guerreiro, dizia ter vinte e quatro primaveras, a maioria delas como escravo no engenho, era alto e muito forte, forjado na lida da colheita de cana. Tinha um espírito rebelde e sonhador, o que lhe rendera muitas chicotadas, muitas delas foram por tentativas de fuga, os seus pensamentos naquele

momento eram só em alcançar a esposa grávida do segundo filho e seu primogênito de um ano e meio.

Os troncos grossos que compunham a muralha se dobraram, caindo como árvores em uma tempestade. O som agudo de estilhaços de madeira rasgando o vento cortou os ouvidos de Zuri, enquanto o horizonte se tingia de uma mistura de fumaça e poeira.

— O que faremos?! — questionou Jamila paralisada pelo medo, pois nunca tinha enfrentado um ataque.

Jamila havia chegado a pouco tempo ao mocambo, era uma pessoa muito carinhosa e preocupada com o bem-estar dos demais, carregava nas suas memórias os abusos sofridos no engenho. As marcas das chicotadas não a incomodavam, pois eram os sinais de não aceitação das condições de vida que era submetida, encontrou em Zuri o carinho de uma irmã, e com ela aprendia o cotidiano da vida no novo lar.

— Calma, só sei que não podemos ficar aqui paradas, vamos nos aproximar mais e encontrar um jeito de entrar no mocambo! — disse Zuri tentado se acalmar, o coração batia muito forte e as pernas pareciam petrificadas, porém precisava demonstrar calma e confiança para a amiga.

O intervalo entre os disparos diminuía, agora vinham em sequência, um após o outro... numa cadência de destruição implacável.

Outro tiro, e a muralha foi partida em mais um ponto, o que antes parecia uma barreira indestrutível, agora se fragmentava lentamente, sendo consumida pelo ataque feroz dos canhões.

Zuri sentiu um aperto no peito, será que Nzinga estaria bem, os pensamentos correndo enquanto tentava calcular as

consequências daquela ofensiva. Cada tiro trazia consigo um novo temor, uma nova incerteza sobre o futuro do mocambo.

Enquanto os canhões rugiam ao longe, a muralha continuava a se desfazer em pedaços, e a única certeza que tinha era que aquele dia mudaria para sempre o destino dos que viviam ali.

Zuri largou as frutas no chão e saiu em disparada seguida pela amiga...

c a p í t u l o II

ESPERANÇAR

Estava sendo uma época muito difícil, a estação seca, a paisagem é árida e desolada. O solo, outrora fértil e coberto por vegetação, está rachado e duro, com fissuras profundas se estendendo como cicatrizes na terra, há apenas o cheiro de morte pairando no ar.

As árvores, que antes forneciam sombra e frutos, agora se erguem como esqueletos secos, suas folhas amareladas ou já caídas, deixando galhos nus e retorcidos, até mesmo uma boa sombra tornou-se difícil de se achar. Além disso, os imponentes baobás estavam sofrendo com a grande seca.

O ar é denso... quente... e traz consigo uma sensação de sufoco, o horizonte está embaçado pela poeira que paira constantemente, carregada pelos ventos quentes que varrem as planícies.

Os rios e lagos, que sustentavam a vida ao redor, estão reduzidos a pequenos poços de água barrenta, e muitos secaram completamente, deixando leitos de lama esturricada, muitos animais, magros e exaustos, se arrastam lentamente em busca desta água e alimento, os pastos se transformaram em campos de vegetação seca e quebradiça.

O céu, sem nuvens, é de um azul majestoso durante o dia, porém à noite a temperatura cai abruptamente, trazendo um frio cortante... a fome misturada ao frio é impiedosa e dolorida.

O silêncio domina a paisagem, interrompido apenas pelo som ocasional de ventos sibilantes ou pelo estalar distante de uma árvore que finalmente cede à seca.

Tudo ao redor parece lutar contra o tempo, quem tem fome não espera o tempo, espera-se o alívio pelas chuvas, contudo o horizonte permanece estéril... e sem sinal de mudança...

A escassez de água e alimentos não afeta apenas os animais; as comunidades humanas também enfrentam dificuldades imensas, com vilarejos inteiros ficando cada vez mais dependentes de escassos recursos.

A seca chegou de uma forma que ninguém na aldeia jamais havia presenciado, nem mesmo o ancião mais velho, com toda sua sabedoria, pode prever tal cenário.

O ancião da tribo, Kiala, senta-se à sombra da velha árvore, a árvore que vira seu pai plantar na sua infância, sentindo o calor penetrante do sol pesar sobre seus ombros magros.

Suas mãos, enrugadas e calejadas pelo tempo, tremem levemente enquanto aperta a bengala de madeira que o sustenta. Os olhos, antes vívidos e cheios de vida, agora fitam o horizonte seco com uma mistura de tristeza e preocupação, a terra que ele conhecera como próspera agora está em agonia, assim como sua tribo.

Enquanto observava as crianças famintas e os adultos desgastados pela seca, Kiala se lembrava de sua juventude, uma época que parecia pertencer a um outro mundo.

— Na minha mocidade, bons tempos... — ele começou a narrar, sua voz rouca e arrastada — as chuvas vinham na hora certa, e as plantações cresciam fortes. O som dos riachos correndo era uma música constante, e nossos animais eram saudáveis e fartos, lembro-me de quando corríamos pelos campos verdejantes, caçando pequenas presas e nadando nos lagos.

— E como eram as festas? — questionou um pequeno garoto, com o corpo castigado pela fome.

Kiala sorriu por um breve momento, recordando as festas que ocorriam nas noites de lua cheia.

— A aldeia era cheia de vida, nós dançávamos ao redor das fogueiras, comendo carne fresca e frutas maduras, tudo muito gostoso, eu era forte e veloz, era conhecido por minha habilidade na caça e por correr grandes distâncias sem me cansar. Naquele tempo, eu acreditava que o mundo sempre seria assim, que as terras sempre nos dariam sustento.

— Que delícia! — exclamou o garoto, relembrando o gosto de sua fruta preferida.

— Bons tempos, bons tempos! – recordou um ancião um pouco mais novo que Kiala.

Kiala fez uma pausa, passando a mão pelo rosto envelhecido, sentindo as marcas do tempo.

— Mas o tempo ensina lições, boas ou ruins. Comecei a perceber, à medida que os anos passaram, que a natureza pode ser imprevisível. Houve secas antes, sim, mas nunca como essa. Sempre acreditamos que os espíritos e nossos ancestrais nos protegiam... e a chuva voltava para restaurar o que o sol havia queimado. Porém agora… agora eu temo que a seca tenha se tornado surda às nossas preces.

Ele olhou ao redor da aldeia. O silêncio era opressor, diferente do que ele conhecera em sua juventude, quando os sons de tambores e risadas enchiam o ar.

— Será que virão dias melhores Kiala? — questionou uma jovem enquanto se abanava com seu leque colorido.

— A esperança é a última que morre, não há mais brincadeiras, nem festas... só a espera... a terra que antes nos nutria agora nos desafia a sobreviver. Mas com certeza sairemos vitoriosos e mais fortes que antes, é preciso esperançar! — disse Kiala, fitando os olhos fundos da jovem, que ainda nutria esperança.

Kiala suspirou profundamente, sentindo o peso da responsabilidade em seus ombros envelhecidos, ele sabia que muitos olhavam para ele em busca de respostas, e principalmente de esperança.

— Na minha mocidade, eu não sabia o que era temer pelo futuro da tribo, porém agora, sinto esse medo todos os dias, oro para que os espíritos nos ouçam, para que a chuva volte.

O ancião sabia que seu tempo estava se esgotando, no entanto queria ver a terra se recuperar antes de partir, mesmo em meio à incerteza, ele continuaria a contar suas histórias, manter viva a memória de dias melhores, e manter a chama da esperança acesa para a geração que estava por vir.

As terras ao redor, antes verdes e cheias de vida, estavam agora ressequidas, como se o sol tivesse sugado toda a vitalidade do solo. As casas de barro e palha, que normalmente ofereciam refúgio, começavam a se desgastarem, e as pessoas já não tinham a mesma força para buscar novos materiais; cada dia parecia uma batalha contra o inevitável colapso.

O gado, que outrora simbolizava riqueza e sustento, agora vagava magro e sem rumo. Os bois e cabras, cujos corpos já exibiam ossos salientes, procuravam por algum pasto ou água, no entanto não encontravam nada. Muitos já haviam caído mortos,

deixando um odor pesado no ar que o vento levava pela aldeia. Os aldeões tentavam não olhar, contudo a morte estava por toda parte, impossível de ignorar.

Os anciãos se reuniam sob a única árvore grande que ainda resistia ao clima severo. Sentados em esteiras desgastadas, eles contavam histórias sobre os tempos áureos, na esperança de que suas palavras trouxessem algum consolo.

Eles sempre foram os mais sábios, aqueles que mantinham a conexão com os ancestrais, mas agora, mesmo com todo o conhecimento acumulado, pareciam incertos sobre o futuro. Muitos estavam fracos demais para se levantarem ou caminharem até o poço, que, a essa altura, oferecia apenas algumas gotas de água lamacenta.

As crianças, que costumavam encher a aldeia com risos e brincadeiras, agora andavam lentamente, desnutridas e exaustas. Os menores choravam de fome, e as mães já não tinham mais o que lhes oferecer.

O silêncio pesado pairava sobre elas, substituindo o som vibrante de vidas jovens que antes ecoava pelas planícies. Os rostos infantis, antes radiantes, agora exibiam a sombra da fome e do desespero. Mesmo os mais jovens, que antes ajudavam nas tarefas cotidianas, mal tinham energia para isso.

À noite, o ar, antes fresco e tranquilo, tornava-se denso e silencioso. O único som que quebrava o silêncio era o dos tambores, tocados pela tribo em um esforço desesperado para chamar a chuva.

As canções, carregadas de esperança e medo, eram dirigidas aos espíritos e aos ancestrais, implorando por misericórdia. A aldeia inteira se unia nessas orações, cada um sentindo o peso de uma espera interminável.

CHUVA DOS CÉUS

Oh, céu, nos ouça!
Terra seca, fome cresce,
Água dos céus, desce, desce,
Nos campos, esperança floresce.

Chuva, chuva, venha já,
Traga a vida, faz brotar,
Nosso chão precisa te amar,
Oh, mãe da terra, nos faz chorar.

Pés descalços, batem no chão,
Em um ritmo, nosso coração,
Clamamos ao vento, ao trovão,
Para que caia a bênção, sem hesitação.

Chuva, chuva, venha já,
Traga a vida, faz brotar,
Nosso chão precisa te amar,
Oh, mãe da terra, não nos faça chorar.

Ouça o tambor, o ecoar,
A dança nos guia, nos faz sonhar,
Rios e rios, voltem a brilhar,
Com sua força, vamos nos saciar.

Chuva, chuva, venha já,
Traga a vida, faz brotar,
Nosso chão precisa te amar,
Oh, mãe da terra, não nos faça chorar.

A cada dia que passava, a sensação de impotência crescia. A aldeia, que antes resistira a tantas dificuldades, agora parecia à beira de ser consumida pela terra seca. E, ainda assim, eles esperavam, olhando para o céu, desejando que as nuvens trouxessem a chuva salvadora.

O sol já estava se pondo, tingindo o céu de um vermelho profundo, Amara, sentada à beira da cabana, segurava sua barriga enquanto observava as últimas cabras magras se arrastarem de volta ao cercado. O som seco de seus cascos contra a terra rachada ecoava no silêncio da aldeia.

— Kofi — ela chamou, a voz rouca pelo cansaço. — Sinto que a hora está próxima.

Kofi, que estava à sombra de uma árvore sem folhas, rapidamente se aproximou, seus olhos, sempre fortes, revelavam preocupação, no entanto jamais poderia demonstrar qualquer incerteza para sua amada.

— Tenha calma eu estou aqui, Amara. Não a deixarei, nem por um segundo, amo você — disse segurando a mão dela, apertando-a com delicadeza.

Amara sorriu..., porém o sorriso era pequeno... cansado..., contudo estava carregado de esperança.

— E se esta criança vier em um mundo sem água? — perguntou Amara, sua voz embargada pela angústia. — Como posso dar à luz em meio à morte?

Kofi se ajoelhou ao lado dela, trazendo o rosto para perto do dela, como se quisesse protegê-la de seus próprios medos, e os medos eram muitos.

— Esta criança trará a vida, Amara! — disse Kofi dando um beijo na testa de sua amada. — Eu sinto isso, mesmo em tempos sombrios, ela será nossa luz.

Antes que ela pudesse responder, uma forte contração atravessou seu corpo. Amara gritou, curvando-se de dor. Kofi, alarmado, chamou pelas parteiras.

— Venham, agora! Está na hora! — gritou ele, a voz carregada de desespero.

Duas parteiras correram até a cabana, suas vestes simples balançando com a pressa. Juma, a mais velha, e Abena, sua assistente, entraram rapidamente.

O rosto de Juma estava marcado pela sabedoria e também pelo peso da fome que assolava a aldeia.

— Respire, Amara. Respire fundo — disse Juma, colocando as mãos experientes sobre a barriga da mulher. — O parto será difícil, o corpo está cansado, mas vamos trazê-lo ao mundo juntas.

Amara respirava entrecortada, suando profusamente. Lá fora, o céu permanecia sem nuvens, e o ar quente tornava cada respiração um esforço.

— Kofi... — Amara sussurrou, segurando a mão do marido com força. — Prometa-me que, se algo acontecer comigo, você cuidará de nosso filho, esta criança precisa muito de você.

— Não fale assim, meu amor. Você vai sobreviver. Nós vamos sobreviver, este filho precisa de nós dois! — respondeu Kofi, com os olhos cheios de lágrimas que ele lutava para segurar.

Amara gritou novamente, enquanto uma nova contração tomava conta de seu corpo, o suor escorria de seu rosto e seus olhos buscavam os de Kofi, em um pedido silencioso de força.

— Está demorando muito — murmurou Abena, olhando para Juma com preocupação.

— O corpo dela está lutando, a seca enfraqueceu a todos nós — respondeu Juma, em um tom baixo, porém carregado de tensão. — Mas esta criança virá ao mundo, pois o mundo precisa dela.

As contrações continuaram, cada uma mais intensa que a anterior, a noite já havia caído, e o único som além dos gritos de Amara era o vento que assobiava, contudo não era o vento seco dos últimos meses, algo estava mudando... Kofi, sem saber o que fazer, passava a mão pela testa, tentando esconder o medo.

— Você é forte, Amara, tão forte quanto esta terra! — ele disse, apertando a mão dela. — Se ela ainda resiste, você também resistirá, e com certeza essa criança também resistirá.

Após horas de luta, a gestante deu um último grito, rasgando o silêncio da noite. O choro de ecoou pela cabana, o alívio foi palpável, Kofi caiu de joelhos ao lado da amada, enquanto ela, ofegante e exausta, segurava o bebê nos braços.

— Ela... sim... ela está aqui — disse Amara, a voz fraca, porém preenchida por uma emoção profunda.

Kofi acariciou a cabeça molhada de sua primogênita, lágrimas escorriam por seu rosto.

— Ela está aqui, e com ela, a esperança — sussurrou ele, beijando a testa da esposa.

Contudo antes que pudessem se perder naquele momento de felicidade, Juma ergueu a cabeça, olhando para o céu escuro através da entrada da cabana, um trovão retumbou à distância.

— Ouvem isso? — ela perguntou, com os olhos arregalados.

Kofi se levantou abruptamente e correu para fora da cabana, e viu o que parecia ser impossível: nuvens pesadas se formavam no horizonte, e um cheiro úmido encheu o ar pela primeira vez em meses, em pouco tempo as primeiras gotas começaram a cair, tímidas, no entanto logo se intensificaram, tornando-se uma chuva torrencial.

Abena sorriu aliviada, levantando as mãos para o céu, enquanto as outras mulheres da tribo, ainda reunidas do lado de fora, começavam a dançar, rindo e chorando de alegria.

Dentro da cabana, Amara segurava a filha com força, lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Ela trouxe a chuva, Kofi — ela disse, em meio ao cansaço. — Nossa filha trouxe a vida de volta, e como a chamaremos?

— Hummmmm, ela é tão bonita! — disse Kofi sorrindo para a pequena.

Era uma menina de olhos marcantes e a pele de ébano. Ao nascer, algo nela já se destacava, seus olhos não eram como os dos outros bebês da aldeia, pois havia um brilho dourado neles, como se ela carregasse o sol dentro de si.

Esse brilho, intenso e misterioso, hipnotizava todos que a viam, como se ela fosse uma personificação da esperança que renascia após a longa estiagem.

— Nunca vi algo assim — murmurou Juma, os olhos fixos na pequena — É como se ela tivesse nascido com o fogo do sol.

Abena, ao seu lado, concordou, sorrindo enquanto observava a bebê.

— Ela veio para trazer luz em tempos de escuridão. Esses olhos... são um sinal... — disse Kofi, ainda incrédulo, ajoelhado ao lado de sua esposa e da filha.

— Zuri... a bela e a escolhida, pois ela salvou todos nós, e este será seu nome, Zuri!!! — exclamou Amara usando o restante das forças que ainda tinha, e após sussurrar mais algumas palavras no ouvido de Kofi... fechou os olhos para sempre.

O som da chuva misturava-se com o choro da recém-nascida, e ao de Kofi, e a tribo, que há pouco tempo acreditava estar condenada, agora dançava sob o céu abençoado, sabendo que, mesmo nos tempos mais sombrios, a vida e a esperança sempre prevalecem: esperançar.

c a p í t u l o III

UBUNTU

O sol nascia no horizonte, poucas nuvens no céu prometia um dia abrasador, enquanto as montanhas ao longe desenhavam suas silhuetas no céu.

A savana africana se estendia vasta e vibrante, com campos de capim dourado que balançavam ao vento, entrecortados por árvores de troncos robustos e galhos retorcidos. Os pássaros cantavam em harmonia, e os animais despertavam para mais um dia.

Zuri, com seus dez anos, já estava acordada, sentada na porta da cabana que dividia com seu pai, Kofi. Seu olhar era firme, desafiador, contrastando com o brilho dourado de seus olhos, que carregavam uma sabedoria precoce.

Ela sempre preferia estar ao lado de pai nas caçadas, observando-o com admiração enquanto ele manejava o arco e a flecha com precisão. Aprender os ofícios das mulheres, como tecer e cozinhar, não fazia parte de seus sonhos, não, não fazia...

— Zuri, venha, menina — chamou Nandi, a vizinha que cuidava da menina como uma mãe. — Você precisa aprender a fazer as esteiras!

— Não, Nandi! Eu vou com meu pai. Hoje, vamos caçar antílopes! — disse levantando-se de um salto, bufando e ansiosa.

Kofi apareceu, sorrindo com ternura ao ver a filha tão decidida, sabia que ela carregava o espírito livre da mãe, que também desafiou as tradições. Mas ele também sabia que, em algum momento, que a filha precisaria entender o verdadeiro significado de Ubuntu.

— Zuri, você sabe o que significa Ubuntu? — perguntou Kofi, enquanto eles caminhavam pela trilha de terra que os levava à floresta.

— Já ouvi essa palavra mil vezes, pai. Todo mundo no vilarejo fala sobre Ubuntu, mas... o que é exatamente? — perguntou ela, franzindo a testa.

Kofi parou, colocando a mão sobre o ombro da filha, olhou ao redor, para a vastidão da savana, e as montanhas, como guardiãs do horizonte.

— Ubuntu, minha filha, é muito mais do que uma palavra, é a essência de quem somos. Significa que eu sou porque nós somos! — explicou o pai enquanto observava uma ave a uns cinquenta metros.

— Hummm! — balbuciou Zuri.

— Que a nossa humanidade está entrelaçada com a dos outros, o que fazemos afeta toda a comunidade, como as águas do rio que tocam todas as margens, sem escolher aonde vão — disse o pai caminhando silenciosamente em direção a caça.

Zuri olhou para o pai, ainda sem compreender totalmente.